

# Francisco de Sousa Tavares...



**A**

ssinalamos o centenário de Francisco de Sousa Tavares (FST), nascido a 12 de junho de 1920, e na sua pessoa

lembramos uma componente fundamental da democracia que continuamos a construir no dia-a-dia - a independência de espírito. Fora de qualquer unanimismo, a sua atitude foi sempre autónoma, livre e própria. Desde muito cedo, acompanhei o seu percurso cívico e político, cultural e humano, e olhando para trás não esqueço como o seu pensamento e a sua coerência tiveram em mim influência significativa. Sendo meu avô monárquico e anglófilo, dois fatores que o levavam a recordar na história da nossa família, a marca indelével do constitucionalismo desde 1820, foi-me possível acompanhar através dos debates da época, muitas intervenções desassombradas de FST, contra as lógicas transpersonalista e totalitária, em nome da dignidade da pessoa humana.

Recordo o que deixou escrito na I Semana de Estudos Doutrinários (Coimbra, 1960) ou o que se encontra evidenciado no livro do mesmo ano, *Combate Desigual* (apreendido, pela Censura logo na tipografia), de “uma luta ardente e incansável pela democratização do ideal monárquico”, mas também os documentos que subscreveu, em 1959, sobre as relações entre a Igreja e o Estado e a liberdade dos católicos e sobre os serviços de repressão do regime, bem como de outubro de 1965 - o célebre documento dos 101 católicos, em prol da democratização.

Como afirma o meu amigo Miguel Sousa Tavares: “Ele não nasceu politicamente em 25 de Abril de 1974 e não morreu intelectualmente no dia seguinte.

Estava antes e continuou depois - coisa que tantos oportunistas do 26 de abril jamais lhe perdoaram. A sua formação e o seu pensamento político não admittam nem de modas nem de adesão a movimentos coletivos e instantâneos de bem pensar - e, por isso, com inteira sinceridade e até inadvertida cautela, foi capaz de deixar escapar esta frase admirável: ‘Sempre me horrorizaram os que se servem da fé dos outros para negociarem o mundo’”. De facto, era um homem sem medo e com uma coerência, que tantas vezes parecia paradoxal. E o seu filho pergunta-se se essa ausência de medo não seria inconsciência. E lembra o belo poema de Sophia, que constitui o maior elogio a essa coragem determinada: “porque os outros vão à sombra dos abrigos/ e tu vais de mãos dadas com os perigos”.

**NÃO, NÃO ERA INCONSCIÊNCIA.**

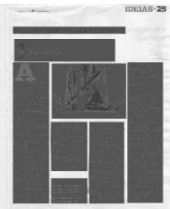
Sabemos como fervia em pouca água. Mas também sabemos que acreditava no íntimo de si na força de ser livre e de crer na humanidade. Ele, no golpe da Sé (1959), fardado de oficial de Cavalaria para assaltar o regimento de Caçadores 5. E, no momento decisivo, empoleirado na guarita do Largo do Carmo em 25 de Abril. Foi o único civil, “às horas ainda incertas da Revolução”, ao lado dos militares revoltosos da coluna de Salgueiro Maia. E quase se perdeu o que disse em poucas palavras com aquele megafone histórico. Pois bem, o que FST afirmou naquela tarde de primavera, foi que ali acontecia o dia mais importante desde o Primeiro de Dezembro de 1640 e que caberia ao povo defender as promessas autênticas de liberdade e de cidadania.

Mas, não podemos lembrar Francisco sem o Centro Nacional de Cultura, “palco privilegiado”, onde se bateu contra a

**Um homem sem medo e com uma coerência, que tantas vezes parecia paradoxal. Sem a sua determinação, o CNC não se teria tomado o lugar marcante que pôde ser**

resistência integralista, que durante anos, impediu o seu acesso a presidente. Mas, o Centro, “desde que consegui ganhar a eleição para presidente (1957), ocupou-me imenso tempo e abria as portas a grande parte da intelectualidade de Lisboa, sem que o núcleo inicial de fundadores deixasse jamais o seu rumo à deriva”. “Foi assim que consegui que na mesma sala se reunissem e discutissem personalidades tão frontalmente opostas como desde Henrique Martins de Carvalho - que como presidente da assembleia geral era um seguro de vida do Centro - a José Gomes Ferreira, a Fernando Namora, de Álvaro Ribeiro e António Quadros - que desapareceu há poucos dias (1993), deixando um rasto de saudade, pela sua doçura e urbanidade convivente - até à mocidade de então, que hoje são homens na pujança da vida, como Alexandre Bettencourt e Luís Coimbra, a Vasco Pulido Valente ou João Bénard da Costa”.

Quando lemos os seus textos, primeiro reunidos por Miguel Lobo Antunes em dois volumes preciosos (*Escritos Políticos*) e depois antologiadados em *Uma Voz na Revolução - Testemunhos e Causas* (2014) por Miguel Sousa Tavares, descobrimos a força dos ideais que o animavam. “A esquerda, a verdadeira esquerda, não aceita receitas; inventa, descobre, luta e vive. Senão é um



Data: 17.06.2020

Título: Francisco de Sousa Tavares...

Pub:

**JL**

Tipo: Jornal Nacional Quinzenal

Secção: Nacional

Pág: 25

**QuickCom**  
comunicação integrada

cadáver” (1976). E importava acreditar num Portugal de vontade e viável: “Para que Portugal seja viável é necessário que exista um futuro para os portugueses na terra que lhes cabe” (1977). Como disse em relação ao seu amigo Jorge de Sena: “Odiava o dogmatismo, as seitas, os ‘conluios da mediocridade’, que denunciava com um vigor contundente” (1978). E deste modo afirmava, com determinação: “Eu, por mim, sustento há muitos anos que a mentira, a manobra, o oportunismo não são virtudes políticas e acabam por ter um preço muito caro. E que, como alguém disse, a política é, quer queiram quer não, um capítulo da moral, desde Aristóteles” (1979).

**TODOS QUANTOS O CONHECERAM** sabem que nenhuma destas palavras era para si vã. O seu patriotismo prospectivo, em vários momentos afirmado e repetido com especial veemência, pressupunha que “Governar não é gerir o passado, nem remediar o presente, é construir e moldar uma conceção imaginativa do futuro. Essa conceção é a força e a alma de um Governo” (1980). Mas a Administração Pública continuava a sofrer dos males fundamentais como “a burocracia, a irresponsabilidade e a centralização do poder de decisão”, a que se somavam a quebra da dignidade da carreira pública e a instabilidade das funções (1982)...

No essencial, porém, “a primeira obrigação do Estado” deveria ser a “defesa e a realização da liberdade. Não a liberdade de uma ideia, de um partido ou de um esquema de poder. Mas a liberdade de cada homem e de todos os homens, o total

respeito pelas ideias, pelas crenças e pela dignidade da pessoa humana em face do Estado” (1983)... Se lermos com atenção os seus textos, fácil é descobrir não apenas a atualidade e pertinência, mas sobretudo a preocupação de assegurar que a democracia, aceitando a imperfeição, teria sempre de se comprometer no sentido de ser melhor, de representar os cidadãos e de defender o bem comum.

Como afirmou António Barreto no prefácio ao 2º volume dos *Escritos Políticos*: “Dileitante, como, com desgosto, se afirmava (dizia que era o seu principal defeito), mas um grande dile-

tante, frequentemente exaltado, tinha a nostalgia dos cavalos e da vela, que praticara na juventude. Jogava *bridge* com pertinácia, interessava-se pela cultura em geral, viajava por desfastio, procurava o mar e o sol, estudava com curiosidade, lia com afincio e sem constância, conspirava, advogava sem método, fazia jornalismo sem cartão profissional (...) e tinha uma verdadeira paixão, a política”. Muito mais do que dileitante, porém, era um apaixonado da vida. Sem a sua determinação, o Centro Nacional de Cultura, por exemplo, não se teria tornado o lugar marcante que pôde ser!... **JL**.



Área: 652cm² / 78%

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6871979